

**Formação da língua portuguesa no Brasil:  
Uma pesquisa etimológica de palavras usadas no  
contexto cultural da Bahia**



## Índice

Introdução .....	4
I. Panorama histórico-sociolingüístico do Brasil .....	4
I.1 O descobrimento do Brasil .....	4
I.2 A colonização portuguesa.....	5
I.3 Os índios .....	5
I.4 A escravidão .....	6
I.4.a Os quilombos .....	7
I.5 A independência do Brasil. Abolição da escravidão .....	7
II. Características gerais do português do Brasil.....	8
II.1 A língua portuguesa do século XVI no Brasil.....	9
II.2 Fonética e fonologia .....	9
II.3 Morfologia e sintaxe.....	11
II.4 Vocabulário .....	12
II.4.a Africanismos.....	12
II.4.b As regiões das línguas africanas.....	13
II.4.c O Tupi e os tupinismos no português do Brasil.....	14
III. Salvador da Bahia de Todos os Santos .....	16
III.1 A situação linguageira na Bahia nos séculos XVI-XIX.....	16
III.2 O falar baiano .....	17
III.3 Os níveis socioculturais de linguagem na Bahia.....	17
IV. Análise etimológica .....	18
IV. 1 Cultura e língua na Bahia.....	18

IV.2 Música (samba), dança e religião .....	19
IV.2.a O candomblé .....	19
IV.2.b Dança e Música.....	20
IV.2.c Entre luta, dança e música: A Capoeira .....	22
IV.3 Culinária.....	24
Conclusões .....	27
A.I Apêndice .....	28
Bibliografia .....	29
Dicionários .....	30
Dicionários on-line.....	30
Sites.....	30
Ilustrações .....	31

## Introdução

Esse trabalho parte de um resumo geral da história sócio-lingüística, abordando fatos históricos importantes que contribuíram para o desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil a partir do século XVI, o tempo do seu achamento até hoje. Depois resumiremos os traços lingüísticos gerais e típicos da norma brasileira, para entrar nas características do falar baiano.

A língua não é só um meio de comunicação, mas também a expressão da própria cultura e das tradições que nela vivem e sobrevivem. Por esse motivo, pretendemos mostrar nesse trabalho o aspecto cultural do Estado da Bahia, especialmente de Salvador, que eu mesmo tive a oportunidade de conhecer um pouco mais de perto na minha viagem de fevereiro/março de 2005. Por isso não deixei completamente de lado as minhas raízes músico-etnológicas. Fiz uma análise e uma classificação de palavras de origem africana e índia que são usados na cultura baiana (excluindo aqui a região designada *sertão*, situada no interior da Bahia), ou seja, os elementos dos quais Salvador se destaca e que são: culinária, música, dança e religião.

## I. Panorama histórico-sociolingüístico do Brasil

Esse capítulo será um breve panorama dos fatos históricos mais relevantes que favoreceram o desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil, como o descobrimento do Brasil, a colonização portuguesa, a contribuição dos índios e dos escravos africanos, até a independência do Brasil.

### I.1 O descobrimento do Brasil

No dia 22 de Abril de 1500, Pedro Álvares Cabral chega às costas do Brasil (litoral da Bahia), tomando posse da nova terra em nome do rei D. Manuel de Portugal. Cabral chamou a terra descoberta *da Vera Cruz* que foi pouco depois substituída por *da Santa Cruz*. O nome *Brasil*<sup>1</sup> provém da madeira de uma árvore chamada *pau-brasil*, da qual se extraía uma substância vermelha usada na tinturaria. Antes do *Brasil* se tornar um nome próprio de um país, a expressão *terra do Brasil* era muito usada entre comerciantes, traficantes e cartógrafos.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Segundo Bueno, Eduardo, no seu livro *A viagem do descobrimento. A verdadeira história da expedição de Cabral*, p. 13, o nome *Brazil* provém do celta *bress*, que deu origem ao verbo inglês *to bless* (abençoar). *A ilha do Brasil*, chamada também de *ilha de São Brandão* ou *Brasil de São Brandão*, era umas das tantas ilhas imaginárias que aparecia na cartografia européia da Idade Média. Essa ilha mitológica chamada também de *Hy Brazil* teria sido descoberta e colonizada por São Brandão, um monge irlandês que partiu ao alto-mar em 565. Portanto, *Hy Brazil* significa terra abençoada.

<sup>2</sup> Elia, Sílvio: *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*, p. 22.

O dia da descoberta é também o dia no qual a história do Brasil começou a ser escrita com *A Carta* do escrivão Pero Vaz de Caminha. O Brasil era povoado de índios quando os Portugueses se instalaram no Brasil. “A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma.”<sup>3</sup>

## I.2 A colonização portuguesa

A colonização portuguesa, porém, começa só em 1532 com a formação de quinze capitanias hereditárias.

Os portugueses originários de vários pontos do Portugal (com dialetalizações diferentes) que chegaram ao Brasil, proviam na maioria das zonas rurais e falavam uma língua vernácula, quer dizer, uma língua aprendida em casa.<sup>4</sup>

Um outro aspecto importante é que a colonização foi exercida por homens que se relacionaram principalmente com mulheres indígenas ou negras (depois do começo da escravidão). A liberdade sexual, a mestiçagem e a exogamia geraram vários tipos étnicos e isso favorecia vários tipos de bilingüismo.<sup>5</sup>

Do ponto de vista socio-cultural dois fatores importantíssimos transformaram o panorama lingüístico-cultural e social do Brasil: *A catequese* e *a escravidão*.<sup>6</sup>

A catequese começou em 1549 com a chegada do primeiro Governador Geral, Tomé de Sousa, que deu início à construção da vila que seria a futura cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos, e trouxe os primeiros jesuítas, que tinham por superior Manuel da Nóbrega.

## I.3 Os índios

No litoral, onde a colonização foi mais imediata, a *língua geral*<sup>7</sup> era o tupi, a principal língua indígena, que durante muito tempo viveu ao lado do português como língua de comunicação.<sup>8</sup> A *língua geral*, conhecida também como *língua brasílica*,<sup>9</sup> foi definitivamente proibida no Brasil pelo marquês Pombal a partir de 3 de Maio 1757 ao Pará e ao Maranhão, a partir de 17 de Agosto de

---

<sup>3</sup> De Caminha, Pero Vaz: *Carta a El Rei D. Manuel* (1500), p.3.

<sup>4</sup> Para esse tema veja: Houaiss, Antônio: *O português no Brasil*, p. 91-104.

<sup>5</sup> O vocabulário rico que designa os vários tipos étnicos mostra esse fato: *mazombo* (nascido no Brasil de pais estrangeiros), *chibarro* (mestiço), *cafuzo* (mestiço de negro e índio), *mulato* (filho de pai branco e mãe preta o viceversa), *crioulo* (negro nascido no Brasil), *mameluco* (filho de índio com branco), etc.

<sup>6</sup> Elia, Sílvio, p. 29.

<sup>7</sup> Teyssier, Paul: *História da língua portuguesa*, p. 76.

<sup>8</sup> Os jesuítas, para facilitar o acesso ao tupi (guaraní, tupinambá, tupiniquim) gramaticalizaram essa língua, submetendo-a a regras. O tupi desdobrou-se em duas variedades: o *abanheenga* (“língua de gente”), ao sul do Brasil e o *nheengatu* (“língua boa”), ao norte. Veja também: Elia, Sílvio, *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*, p. 49.

<sup>9</sup> Do Couto, Hildo Honório: *Os estudos crioulos no Brasil*, p. 100.

1758 a todo o “Brasil.” Em 1759 foram expulsos os Jesuítas que eram os principais protetores da *língua geral*.<sup>10</sup> O governo português até então incentivava com a vinda dos jesuítas uma política oficial de proteção aos índios para conciliar as concepções humanitárias e cristãs com as necessidades econômicas da colonização.<sup>11</sup> O genocídio sistemático e a integração forçada que seguiu a expulsão dos jesuítas contribuíram à extinção progressiva de várias línguas indígenas.

Os índios, povos nômades, plantavam apenas mandioca e não criavam, viviam dos frutos das árvores, da pesca e caça. Eles não conheciam o trabalho organizado do qual os Portugueses necessitavam para as plantações de açúcar. Com isso, sentiu-se a necessidade de importar escravos para a mão de obra, para o processo produtor da cana de açúcar, mas também para os trabalhos domésticos, serviços urbanos, e para os trabalhos de homens de mester.



#### I.4 A escravidão

A produção açucareira era um dos pilares da colonização do Brasil, tornando-se base de sua economia durante quase dois séculos. Desde os tempos das Cruzadas, o açúcar tornou-se uma mercadoria de alto valor comercial que era empregado como moeda, herança e dote de casamento. O sistema produtivo monocultural usava a mão-de-obra escrava que era abundante e barata para a burguesia comercial. O processo produtivo compreendia a etapa agrícola, o plantio, a conservação e o corte da cana e a etapa manufatureira, onde a cana era transformada em açúcar, cachaça, melado e outros derivados. Até o século XVII os centros principais de produção de açúcar eram Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.



Na segunda metade do século XIX o comércio do açúcar atravessou um grande período de crise, devido à concorrência antilhana. Nessa altura, o principal produto da agricultura brasileira não era mais o açúcar, mas sim, o café.<sup>12</sup>

A escravidão do povo negro no Brasil, começou no século XVI e terminou oficialmente no século XIX, exatamente em 1888.<sup>13</sup> As fases da escravidão podem ser resumidas em termos gerais nos seguintes ciclos:

<sup>10</sup> Teyssier, Paul, p. 76.

<sup>11</sup> Veja: Martins, Wilson: *História da inteligência brasileira*, vol. I, p. 247.

<sup>12</sup> Lody, Raul: *Atlas afro-brasileiro. Cultura popular*, p. 18-19.

<sup>13</sup> A escravidão foi abolida com a Lei Áurea: “Lei N. 3.353, de 13 de Maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. A Princesa Imperial Regente em Nome de Sua Majestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e Ela sancionou a Lei seguinte: Art. 1.: É declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brasil.” [...] <[www.senado.gov.br/comunica/historia/aurea.htm](http://www.senado.gov.br/comunica/historia/aurea.htm)>.

- 1ª fase: Ciclo da Guiné (séc. XVI)
- 2ª fase: Ciclo de Angola (séc. XVIII)
- 3ª fase: Ciclo da Costa da Mina e Golfo de Benin (séc. XVIII até 1851)
- 4ª fase: Fase da ilegalidade (1816-1851)<sup>14</sup>

Os pontos de chegada dos escravos eram Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Os escravos trabalhavam em plantações de cana de açúcar, tabaco, algodão e café. Os negros, na chegada ao Brasil, eram separados de suas famílias, línguas e etnias. Tudo isso para dificultar desde o começo qualquer possibilidade à comunicação e à rebeldia.

#### **I.4.a Os quilombos**

Os quilombos (do quicongo/quimbundo ki lombo, “aldeamento”<sup>15</sup>) definem-se como um caso particular do ponto de vista lingüístico. Os quilombos ou mocambos eram povoações formadas por escravos fugidos. Eles acolhiam também mulatos, índios, homens livres, forros<sup>16</sup> e marginalizados na sociedade colonial. O quilombo mais famoso é o *Quilombo dos Palmares*, localizado no sul da capitania de Pernambuco, hoje estado de Alagoas. Sua origem remete ao final do século XVI. Na foto ao lado vemos a planta do quilombo Buraco do Tatu, na Bahia.



Os quilombolas, ou seja, os habitantes dos quilombos, sobreviviam da pesca, caça, coleta de frutos, criação de frangos, do cultivo de milho, mandioca, cana-de-açúcar e feijão. Calcula-se que em 1670 a população de Quilombo dos Palmares, um dos maiores da época, chegava perto de 20 mil pessoas.<sup>17</sup>

Os índios, em particular, eram em geral foram privados da própria cultura. Os pesquisadores acreditam na existência de uma língua geral, talvez de base tupi, reduzida às necessidades práticas.<sup>18</sup>

#### **I.5 A independência do Brasil. Abolição da escravidão**

Resumindo podemos dizer que o Português europeu, o Índio e o Negro (de várias regiões da África) constituem durante o período colonial as três culturas básicas da população brasileira e que são responsáveis para a formação do português do Brasil.

<sup>14</sup> Elia, Sílvia, p. 35.

<sup>15</sup> Pessoa de Castro, Yeda: *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, p. 324.

<sup>16</sup> Homem livre ou nascido de pais livres.

<sup>17</sup> Veja também: Caldeira, Jorge: *História do Brasil*, p. 62-63.

<sup>18</sup> Houaïss, Antônio, p. 79.

Em 1808, as invasões francesas obrigam o príncipe regente, o futuro rei D. João VI, a se refugiar no Brasil, exatamente no Rio de Janeiro. A coroa traz consigo quinze mil portugueses que servem para relusitanizar, se assim podemos dizer, o Rio de Janeiro. Esse fato histórico influenciou algumas características típicas na fala dos habitantes do Rio de Janeiro. O ano depois o regresso em Portugal de D. João VI, em 1822 é proclamada a independência do Brasil.



Com o cessar do tráfico negreiro em 1850 e com a abolição da escravidão em 1888 (foto ao lado: Lei Áurea), registra-se durante o período de 1870-1950 uma vinda maciça de imigrantes europeus, principalmente de italianos e alemães, que se adaptaram por duas gerações na sociedade brasileira. Nesse período, o desenvolvimento econômico passa a se concentrar nas regiões sul e sudeste do Brasil.

A urbanização e a industrialização a partir dos anos 1950 transformam o panorama social-econômico do país. Em São Paulo, Rio de Janeiro e também em cidades como Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza, existem simultaneamente zonas desenvolvidas de civilização urbanas com regiões subdesenvolvidas e rurais que registram um alto índice de analfabetismo e semi-analfabetismo. Nessas cidades que se desenvolveram economicamente, concentra-se o maior índice de instrução onde se fala e escreve a norma de português conhecida como português do Brasil.

## **II. Características gerais do português do Brasil**

A evolução do português falado no Brasil está mais relacionada a fatos históricos do que lingüísticos.

Com seus 8.5 milhões de quilômetros quadrados e aproximadamente 170 milhões de habitantes,<sup>19</sup> o Brasil ainda consegue manter a hegemonia da língua portuguesa até os dias de hoje. Pois, desde a expulsão dos Jesuítas em 1759, a língua portuguesa foi imposta pelos colonizadores como sinal de superioridade cultural dos brancos sobre os negros e índios. Talvez por isso, aparentemente, o Brasil não tenha setores lingüísticos distintos que impedem uma conversação entre moradores de pontos distantes e de classes diferentes. Por exemplo, um habitante da zona rural na Amazônia, no norte do Brasil, entende sem dificuldades um habitante da zona urbana de uma cidade do extremo sul do país, nos Estados do Paraná ou do Rio Grande do Sul.

---

<sup>19</sup> Exatamente 169 799 170 segundo o censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes\\_regioes211.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes_regioes211.shtm)>.



Porém, não podemos ocultar as variantes lingüísticas de cada região. É importante lembrar, que o português chamado de padrão é um privilégio reservado a poucos membros de uma elite econômico-social e que tem o poder político-cultural.<sup>20</sup>

Antenor Nascentes divide o falar brasileiro em seis subfalares: o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista. Uma característica geral entre o norte e o sul do Brasil é a pronúncia das vogais pré-tônicas (vogais antes do acento). As vogais abertas são típicas da região norte e as vogais fechadas são uma característica da região sul.<sup>21</sup> Outros traços marcantes são, por exemplo, o *s sibilado* sulista em oposição ao *chiente* do carioca como também o *r rolado* gaúcho em oposição ao *r aspirado* carioca.<sup>22</sup>

## II.1 A língua portuguesa do século XVI no Brasil

A língua portuguesa se instalou no Brasil no século XVI, ou seja, quando as primeiras e seguintes evoluções morfológicas e fonéticas já tinham se estabelecido:<sup>23</sup>

- Eliminação de numerosos encontros vocálicos
- Unificação do singular das palavras mão, cão etc.
- Distinção entre /b/ e /v/<sup>24</sup>

Durante o período colonial o português no Brasil continuou a evoluir segundo o português europeu:

- monotongação de ou em [o]
- simplificação de [tʃ] e [ʃ] em <ch>, como por exemplo na palavra *chamar*.

## II.2 Fonética e fonologia

A fonética e a fonologia do português do Brasil distinguem-se por dois aspectos fundamentais: O *aspecto conservador* e o *aspecto inovador*.<sup>25</sup> Os aspectos conservadores são características fonéticas e fonológicas antigas que evoluíram no português europeu, mas que se

---

<sup>20</sup> Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, p. 16.

<sup>21</sup> Leite, Yvonne; Callou, Dinah, p. 18.

<sup>22</sup> Leite, Yvonne; Callou, Dinah, p. 20.

<sup>23</sup> Veja Teyssier, Paul, p.79.

<sup>24</sup> Teyssier, Paul, p.79.

<sup>25</sup> Os esquemas que seguem são um resumo que provem de Teyssier, Paul, p.79-88.

conservaram no português do Brasil. Os aspectos inovadores são todas aquelas características que evoluíram com o português do Brasil, diferenciando-se do português europeu.

Aspectos *conservadores* da fonética brasileira são:

- Pronúncia de –s e do –z implorivo sibilante
  - ▶ como [s ] - em final como *atrás, vez*
    - diante de consoante surda: *vista, faz frio*
  - ▶ como [z ] - diante de consoante sonora: *mesmo, atrás dele*

☛ Nota-se que o chiar carioca [š] e [ž], está provavelmente relacionado à vinda da coroa portuguesa de D. João VI no Rio de Janeiro em 1808.

- Pronúncia das vogais átonas finais
  - ▶ -o gráfico se pronuncia [u], como por exemplo em *o caso*
  - ▶ -e gráfico se pronuncia [i], como por exemplo em *ele sabe*
  - ▶ -a gráfico se pronuncia aberto [a]
- Pronúncia das vogais pre-tônicas
  - ▶ conservação dos timbres antigos de e [e] como em *pegar*, e de o [o] como em *morar*
  - ▶ e pré-tônico como em *estar* é pronunciado *istar*.
  - ▶ inexistência da vogal [ë] em qualquer posição
  - ▶ a pré-tônico é realizado como [a] aberto

☛ O ritmo da frase do português do Brasil é mais claro e também mais lento. Isso é devido ao fato que as átonas pré-tônicas, como *e* em *diferente*, são pronunciadas e não engolidas como no português europeu onde a mesma palavra se pronuncia *dif'rente*.<sup>26</sup>

- Outros aspectos de pronúncia
  - ▶ conservação do ditongo [ey]
  - ▶ inexistência do ditongo [äy]

---

<sup>26</sup> Elia, Sílvia, p. 53.

- ▶ pronúncia [ẽỹ] do ditongo tipo *bem, tem*
  - ▶ conservação de [ɛ] antes de consoantes palatais: *venho, vejo* etc.
  - ▶ r forte uvular
- Ortografia
    - ▶ A grafia muitas vezes segue a pronúncia, por exemplo: *ótimo, fato* etc.

Entre os aspectos *inovadores* da fonética brasileira se destacam:

- Falta de oposição entre os timbres abertos e fechados das vogais tônicas a, e, o, seguidas de uma consoante nasal
- Falta da oposição do timbre aberto e fechado nas sílabas pré-tônicas, para as vogais a,e,o
- Proclíticos e enclíticos em –e (me, te, se etc.) são pronunciados como [i]
- Aparecimento de um iode na pronúncia chiante de –s e-z finais: atrás [atrayš]
- Aparecimento de um i em grupos consonantais em algumas palavras eruditas: admirar se pronuncia *adimirar*
- Palatalização dos grupos ti [tš] e de [dž]
- Supressão da pronúncia da r final: pegar pronuncia-se *pegá*
- Vocalização de um l velar: sal, sol, Brasil (*sau, sou, Brasiu*)

### II.3 Morfologia e sintaxe

Outras características importantes do português do Brasil (em oposição ao português europeu) são:

- Construção *estar + gerúndio*, por exemplo, *estou falando*.
- No português coloquial, pronome átono no início da frase: *Me parece que*
- O uso mais freqüente do verbo *ter* no sentido de *haver*
- Locuções *todo o mundo* (várias pessoas no sentido mais amplo) e *todo mundo* (quando se refere a um grupo de pessoas incluindo ou não o sujeito)
- Locução *a gente* referindo-se a 3ª pessoa do plural (nós)
- O emprego de *em + a*: *Está na janela, na frente de*, etc.
- Tratamento por *você, o senhor, a senhora* conjugado na 3ª pessoa do singular).

- O *tu* usa-se no sul com conjugação da 3<sup>a</sup> pessoa singular do verbo (na língua falada)

## II.4 Vocabulário

O português do Brasil, por as razões que vimos na parte histórica desse trabalho, possui um léxico rico de palavras de origem tupi e africana, usadas no dia a dia. Nesse capítulo, e em particular no capítulo IV, analisaremos mais de perto o vocabulário de origem tupi e africana no contexto da Bahia. Como veremos, os tupinismos são bem menores dos africanismos.

### II.4.a Africanismos

Os aportes lexicais de palavras de origem africana encontram-se no âmbito de todas as áreas culturais como fauna, flora, alimentação, casa, habitação, família, doenças, usos e costumes, religião, crenças e superstições, objetos fabricados, instrumento musicais, recreação e também ornamentos e vestes.<sup>27</sup>

Yeda Pessoa de Castro distingue entre dois tipos principais de aportes: *aporte* e *decalque*. Por *aporte* entende-se “um falar A (no nosso caso o português) que utiliza e termina por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia antes num falar B (língua africana) e que A não possuía.”<sup>28</sup> Temos um *decalque* lingüístico quando “para denominar uma noção ou um objeto novo uma língua A (português) traduz uma palavra simples ou composta pertencente a uma língua B (língua africana).”<sup>29</sup> Tem também a categoria dos *híbridos*, que são elementos lexicais compostos. Esses três tipos de aportes podem ser *simples* ou *compostos*. Segue aqui um resumo dos tipos de aportes africanos no português do Brasil:<sup>30</sup>

- Aporte:
  - a) simples: *samba*
  - b) composto: *Ganga Zumba*
- Decalque:
  - a) simples: *terreiro*
  - b) compostos: *mãe-de-santo*

---

<sup>27</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 120-121.

<sup>28</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 105.

<sup>29</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 105.

<sup>30</sup> Esse esquema é um resumo dos elementos mais importantes de Pessoa de Castro, Yeda, p. 107-108.

- Híbrido:
  - a) simples:
    - 1) derivação nominal: *constituente africano + sufixo português*: ex. *dendê + zeiro*
    - 2) derivação verbal: *prefixo português + constituente africano*: ex. *des- bunda* (“deixar-se-ir”)
  - b) composto:
    - 1) *constituente africano + constituente português*: ex. *Xangô-menino*
    - 2) *constituente português + constituente africano*: ex. *azeite de- dendê*
    - 3) *nome banto + constituente português + nome ioruba*: ex. *quitanda-das-iaô*
    - 4) *nome africano + nome inglês*: ex. *axé-music*

#### II.4.b As regiões das línguas africanas

Vamos tratar aqui brevemente das principais línguas africanas que encontraremos durante a nossa análise e situá-las geograficamente.

O termo *bantu*, significa „homens“, sendo o plural de *mntu*. O sistema de classes do bantu funciona por meio de prefixos. Os povos bantu habitam os territórios compreendidos em toda a extensão abaixo da linha do equador. Seus territórios englobam uma área de 9’000000 km<sup>2</sup> com países da África Central, Oriental e Meridional.

As principais línguas banta, que vamos encontrar na nossa análise etimológica são o *quicongo* e *quimbundo* (que compreende a área sul Congo-Brazzaville, sudoeste do Congo-Kinshasa, noroeste de Angola), o *umbundo* (que compreende o sul de Angola, Namíbia, com prolongamento para Botsuana).<sup>31</sup>

O *ioruba* é uma língua distinta constituída da vários falares regionais que compreende a área da Nigéria ocidental, e o Reino de Queto, no Benim oriental. Esses povos chamados de *ànàgó* pelos seus vizinhos, ficaram genericamente conhecidos no Brasil sob a forma *nagô*. O ioruba faz parte da família lingüística *kwa*, termo que significa “homen.” O ioruba é uma língua de sistema tritonal (três tons), constituída de 7 vogais orais, mais as correspondentes nasais que não possui gênero gramatical nem derivados verbais. O *fon* ou *fongbê* (antigo Reino do Daomé, Savalu, Porto Novo, Cotonu e Uidá) faz parte do conjunto de línguas *Ewe-Fon*, que também faz parte da família lingüística *kwa*.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 25-32.

<sup>32</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 38-41.

## II.4.c O Tupi e os tupinismos no português do Brasil

O Tupi, é também chamada de *lingual geral*, *lingual brasílica*, *tupi antigo* ou *tupinambá*. A língua *nheengatu*<sup>33</sup> originou a *língua franca* usada na comunicação entre brancos e índios, usada pelos bandeirantes e que estava difundida sobretudo no século XVII.

O jesuíta José de Anchieta (1534-1597) analisou o *tupinambá* (tupi antigo), falado no século XVI por tribos que viviam no litoral brasileiro.<sup>34</sup> Sua obra mais importante sobre o tema é a *Gramatica da lingoa mais usada na costa do Brasil* (1595, título com grafia antiga, veja capa foto ao lado). Outras gramáticas sobre línguas indígenas na época da colonização são de autoria de Luiz Figueira *Arte da lingual Brasílica* (1687) e de Luís V. Mamiani sobre a língua *kiriri* (1699).



Estima-se que no começo da colonização no Brasil eram faladas 1200 línguas indígenas. Através do processo colonizador extremamente violento dos últimos 500 anos, fala-se hoje apenas 181 línguas indígenas.<sup>35</sup>

Hoje em dia palavras de origem tupi constituem apenas substantivos da flora, da fauna e nomes de cidades. Raramente encontram-se adjetivos e substantivos utilizados no Brasil inteiro. Antonio Houaiss supõe que na maioria dos casos os tupinismos são regionalismos. Os tupinismos estão presentes no português de variante brasileira.<sup>36</sup> Não é possível afirmar que palavras de origem tupi são usadas exclusivamente na região da Bahia. Até o momento não há estudos específicos que possam comprovar isso. Mas para dar uma idéia vamos analisar brevemente alguns exemplos de tupinismos no vocabulário comum no Estado da Bahia:<sup>37</sup>

- *abacaxi*: \**iwaka'ti* < *i'wa*, “fruta” + *ka'ti*, “que recende”, significando “fruta que exala.” Abacaxi é o nome do fruto conhecido em Portugal com o nome de *ananás*.
- *piranha*: *pi'rãya* é uma palavra composta de *pi'ra*, “peixe” + *ãya*, “com dente” e quer dizer “peixe com dente.”
- *tapioca*: Essa palavra origina-se de *tipi'og*, que significa “sedimento, coagulo da mandioca crua coalhada” ou de *tip'oka*, “fécula alimentícia de mandioca.”

Eis aqui alguns exemplos de topônimos (nomens próprios de cidades na Bahia):

<sup>33</sup> Forma amazônica do tupinambá ou tupi moderno.

<sup>34</sup> Leite, Yvonne: *A gramática de Anchieta. 500 anos de língua tupi*, em: *Ciência Hoje*, vol. 28, Nr. 163, Rio de Janeiro 2000, p. 42-47.

<sup>35</sup> Dall'Igna Rodriguez, Aryon: *Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil*, em: *Línguas do Brasil*, p. 35-38. Artigo publicado no site: <[www.cienciaecultura.bus.br](http://www.cienciaecultura.bus.br)>.

<sup>36</sup> Houaiss, Antônio, p. 71-73.

<sup>37</sup> Para uma lista mais completa de palavras de origem indígenas veja também: Houaiss, Antônio, pp. 63-70.

- Irecê: (*y-recê*; *de y*, “água”) significa “pela água, a tona da água.”
- Itamaraju: é formada por três palavras, exatamente *ita*, “pedra” + *mara* (*marâ*), “desordenado” + *ju* (*juba*), “amarelo” significando “pedras desordenadas amarelas.”
- Xique-xique: é a designação que os índios deram a uma planta espinhosa das terras secas do nordeste brasileiro. *Xiquexique* (escrito junto) designa um cacto das caatingas, típico do Nordeste. Essa cidade está perto ao Rio São Francisco no Sertão, mas a sua vegetação não tem esses cactos característicos.<sup>38</sup>

Gostaríamos observar algumas expressões típicas brasileiras, onde encontram-se palavras de origem tupi:<sup>39</sup>

- *Pare com esse nhenhém*, significa “basta de muita falação”. Parece que a expressão vem do verbo *nheéng* *nheéhng* com o significado de “porfiar, teimar, razoar, falar, parolar, dar muitas razões.” Talvez o termo tupi *nheeng-nheeng-nheeng* pode ser traduzido como “falar, falar, falar.”
- *Estar jururu*, “estar melancólico, tristonho”. O termo origina-se de *yuru-ru*, “pescoço pendido; o que está triste, calado” ou talvez do termo *xearu’ru*, “estar tristonho.”
- *Estar na pindaíba* significa “estar sem dinheiro, em dificuldade financeiras.” O termo origina-se de *pinda’iwa*, exatamente de *pi’nda*, “anzol” mais *iwa*, “haste”, significando “vara de pescar.” A pindaíba é uma planta que era usada pelos indígenas para fazer vara de anzol. Antigamente a pesca era uma importante fonte de subsistência para a população ribeirinha indígena que dependia literalmente da vara de pescar. A expressão poderia ser entendida então como uma alusão à má fortuna a quem se vê reduzido à vara do anzol para viver.

No Brasil existe um jogo chamado de *peteca*. É um brinquedo que consiste em uma pequena base arredondada e macia, sobre a qual se encaixa um punhado de penas e que é lançado pelo ar por meio de golpes de mão:



- *pe'teka* “bater com a palma da mão.” Existe também a expressão *deixar a peteca cair*, com o significado de “hesitar, vacilar.”<sup>40</sup>

<sup>38</sup> Esses exemplos vem de Bordoni, Orlando: *Dicionário. A língua tupi na geografia do Brasil*, Paraná. Irecê, p. 270; Itamaraju, p. 227 e Xique-Xique, p. 730.

<sup>39</sup> Esses verbetes vem do *Dicionário Houaiss* on-line: <<http://houaiss.uol.com.br>>.

<sup>40</sup> *Dicionário Houaiss* on-line: <<http://houaiss.uol.com.br>>.

### III. Salvador da Bahia de Todos os Santos

Um pouco mais de um ano depois da “descoberta” de Cabral, exatamente no dia primeiro de novembro de 1501, dia de Todos os Santos, chegaram três navios que compunham a expedição do



português Gonçalo Coelho e do florentino Américo Vespúcio. Foi assim que a terra *da Santa Cruz* foi rebatizada pelo nome de *baía de Todos os Santos*. A *Cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos* começou a ser erguida com a chegada do governador Tomé de Souza no dia 29 de

março de 1549.<sup>41</sup>

A cidade de Salvador tornou-se o centro urbano da Bahia. Também por esse motivo consolidou-se na memória popular a denominação de *Cidade da Bahia*. Salvador passou a ser o mercado importador e exportador, bem como uns dos principais mercados de escravos e de produtos alimentares. No século XVII, além de exportadora de açúcar, a cidade impôs-se como centro de escoamento de ouro vindo de Minas Gerais.

#### III.1 A situação linguageira na Bahia nos séculos XVI-XIX

No Estado da Bahia e em Salvador em particular, o nagô (ioruba) chegou a ser língua comum dos escravos. Segundo Houaiss, os negros viviam na Bahia entre os séculos XVI e XIX três situações linguageiras:<sup>42</sup>

- Ladinos que vindo da África já conheciam o português, língua geral do tráfico negroiro.
- Negros recém-capturados que não conheciam o português.
- Negros que falam sua língua de origem (nagô ou ioruba), acedendo aos poucos ao português, vivendo uma situação bilíngüe (em particular no fim do séc. XVIII).

---

<sup>41</sup> Veja para esse e o próximo parágrafo: Castro de Araújo, Ubiratan: *A baía de Todos os Santos: um sistema geo-histórico resistente*, em: Bahia análise & dados, Salvador (BA), Março 2000, N.4, p. 10-23.

<sup>42</sup> Para esse parágrafo veja Houaiss, Antônio, p. 41-42.



### III.2 O falar baiano

Por *falar* entende-se uma variedade de língua com características específicas na sintaxe e no léxico que caracteriza um determinado grupo sociocultural. É também sinônimo de linguajar, ou seja, uma maneira de falar.<sup>43</sup> Um traço marcante do falar em Salvador é a entoação descendente, denominada *fala cantada*. Outras características fonéticas marcantes são as vogais abertas e a perda pronunciada do *r* final.<sup>44</sup> Também a pronúncia dental do *t* e do *d* antes do *i*, em palavras como *mentira*, *desde ditado*, etc. é considerada típica do falar nordestino no qual se inclui também o falar baiano. Típico da Bahia é a pronúncia de *t* e *d*, respectivamente em *tsch* e *dj*, como no falar carioca.<sup>45</sup> A pronúncia das vogais pré-tônicas *e* e *o* tem a realização aberta, como também as pré-tônicas médias abertas [ɛ] e [ɔ].<sup>46</sup> Salvador apresenta uma distribuição equilibrada das variantes de *s* sibilante o chiado. Observa-se mais a vocalização da lateral, característica que é também geral em todo o país.<sup>47</sup> Esses são os traços mais importantes da fala de Salvador.

### III.3 Os níveis socioculturais de linguagem na Bahia

Também na Bahia, como no resto do Brasil, registram-se hoje diferentes níveis socioculturais de linguagem. Yeda Pessoa de Castro diferencia entre cinco níveis de linguagem na Bahia:

- Linguagem religiosa dos candomblés ou língua de santo
- Linguagem de comunicação usual do povo-de-santo
- Linguagem popular da Bahia
- Linguagem da cidade e de uso corrente, familiar na Bahia
- Português do Brasil em geral<sup>48</sup>

A linguagem religiosa do candomblé usa um repertório de sistemas lexicais de antigos falares africanos. Trata-se de uma linguagem litúrgica e simbólica que é entendida pelos chefes dos terreiros. Ela pode ser comparada ao latim usado nas liturgias católicas, que é entendido por o liturgista, mas que o laico usa em certos contextos, sem conhecer o seu significado.

---

<sup>43</sup> *Dicionário Houaiss on-line*: <<http://houaiss.uol.com.br>>.

<sup>44</sup> Leite, Yvonne; Callou, Dinah, p. 10.

<sup>45</sup> Leite, Yvonne; Callou, Dinah, p. 20.

<sup>46</sup> Leite, Yvonne; Callou, Dinah, p. 40-41.

<sup>47</sup> Leite, Yvonne; Callou, Dinah, p. 45-47.

<sup>48</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 80.

A linguagem popular da Bahia é aquela usada das camadas sociais de baixa renda com um elevado índice de analfabetismo.<sup>49</sup> A maioria desse grupo de falantes é negra e do povo-de-santo. O português familiar da Bahia é falado por pessoas educadas e das camadas sociais economicamente privilegiadas. Para as características do português do Brasil veja também o capítulo II.

#### IV. Análise etimológica

Através de alguns fatos históricos que tratamos nos capítulos precedentes, podemos constatar que uma característica importante do português falado na Bahia são as palavras e as expressões de origem africana. Esse léxico está presente nas atividades culturais dos baianenses como a culinária, música e religião. Os tupinismos estão também presentes, mas não tão forte como os africanismos. Mas vamos aprofundar esse tema no capítulo seguinte. Para essa análise etimológica foram escolhidas termos que fazem parte do meio cultural da Bahia. Fazemos referimento ao apêndice, onde está resumida uma análise comparativa entre os vários dicionários importantes. Os nomes dos autores, aos quais nos referimos, estão mencionados na tabela do anexo.

##### IV. 1 Cultura e língua na Bahia

*“Cidade religiosa, cidade colonial, cidade negra da Baía. Igrejas sumptuosas bordadas de ouro, casas de azulejos azuis, antigos sobradões onde a miséria habita, ruas e ladeiras caçadas de pedras, fortes velhos, lugares históricos e o cais [...]”*<sup>50</sup>

A figura mais importante de Salvador é aquela das baianas, dessas matriarcas generosas que vendem acarajé, abará, cocadas e outras delícias. O elemento característico da roupa baiana é de reminiscência barroca: nessa roupa encontra-se o Ocidente com o Oriente, exatamente a estética européia do século XVIII e de povos islâmicos.<sup>51</sup>

Chamou-me atenção um objeto tradicional que em Salvador da Bahia é muito difundido e



vendido em vários tamanhos e que provém da época da escravidão: O *balangandã* (veja foto ao lado) é um “ornamento ou amuleto de metal em formas de figas, medalhas, chaves, pendente de broche, argola o pulseiras,”<sup>52</sup> usadas pelas baianas vestidas a caráter e em dias de festas, principalmente na festa do *Senhor do Bonfim*, para proteger

<sup>49</sup> Segundo a IGBE entre a população que se declara de raça negra o índice de analfabetismo atinge os 21,5%. <[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes\\_regioes211.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes_regioes211.shtm)>.

<sup>50</sup> Amado, Jorge, *Jubiabá*, p. 61.

<sup>51</sup> Lody, Raul, p. 74-79.

<sup>52</sup> *Novo dicionário Aurélio*, p. 254.

e adornar a casa. As pencas ou molhos de balangandãs, como elas são também chamadas, são feitos de prata e eram adornos usados na cintura que integravam as roupas de baiana.<sup>53</sup> Sobre a etimologia dessas palavras há divergências entre os pesquisadores. A maioria dos dicionários apontam uma origem onomatopéica, tida pelo ruído dos penduricalhos. Segundo Yeda Pessoa de Castro o termo é de origem banta, exatamente do quicongo e quimbundo *bulanganga*, “balouçar > *mbalanganga*, “peduricalhos.” Para Nei Lopes a palavra origina-se no zulu *bulungana*, que significa “porções que formam um todo.” Em 1899 existia a palavra *barangandan*, hoje temos também as variantes *barangandã* e *berenguendém*.

## IV.2 Música (samba), dança e religião

Os escravos trouxeram através das naves negreiras, onde eles eram transportados no Brasil, uma bagagem cultural bem forte como as culturas religiosas, padrões rítmicos, instrumentos musicais e estilos dançarinos, que ao se permearem com a cultura européia (por exemplo a polifonia e a harmonia), geraram o que hoje se encontra no panorama cultural do Brasil, mais em particular na Bahia. Nos seguintes capítulos vamos examiná-los mais de perto.

### IV.2.a O candomblé



O *candomblé* é um culto afro-brasileiro que foi introduzido pelos escravos no Brasil e é um exemplo de sincretismo, onde santos católicos dos portugueses e os *orixás* dos escravos africanos foram se misturando, formando uma única religião.<sup>54</sup> Os *orixás*, que tem também os nomes dos santos católicos, são forças da natureza que tem corpo e características, valores e defeitos dos homens.

*Xangô* corresponde, por exemplo, a São João, *Exu* a São Jorge, *Iansã* a Santa Bárbara, *Iemanjá* a Nossa Senhora. Os *orixás* são os pais e mães espirituais dos seres humanos. Cada *orixá* tem sua história, cor, pedra e comida preferida. Por cada *orixá* tem um tipo particular de dança, canto e batuque. Os crentes dessa religião acham que são filhos de um *orixá* e usam pulseiras, colares, roupas e cores que correspondem ao seu *orixá*. As cerimônias de *candomblé* são feitas para se comunicar com os *orixás*, pedindo-lhes favores e conselhos e para transmitir mensagens. A origem dessa palavra está no ioruba *orisha*, *orixá*, *òrìṣà*, *oriš'a* (dependendo da transcrição) que quer dizer “divindade”. O lugar onde se realizam encontros de *candomblé* chama-se *terreiro*.

<sup>53</sup> Lody, Raul, p. 67.

<sup>54</sup> Para esse tema veja: Dumont, Sávila: *O Brasil em Festa*, p. 55-56.

Segundo Pessoa de Castro, a palavra *candomblé* vem do banto *kandómbilé* > *kandombéle* com o significado de “ação de rezar, pedir pela intercessão dos deuses”, e é derivado do verbo *kudomba* > *kulomba*, que quer dizer “rezar, invocar.” Para Lopes e da Cunha o termo é formado pela junção do quimbundo, *candombe* (*kiandombe*) mais o ioruba *ilê*, tratando-se assim de um híbrido.

É interessante notar que cada terreiro de candomblé pertence a uma *nação* que compreende um repertório lingüístico específico africano que tem como base os seguintes ramos lingüísticos:

- de base *banto* (Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa e Angola)
- de base *ewe-fon* (Gana, Togo, Benim, Daomé)
- de base *iorubá/nagô* (Nigéria ocidental, reino Queto, Benim)<sup>55</sup>

Para dar um exemplo: As entidades chamadas comumente em português de *santos*, são conhecidas pelo nome de *vodum* no *ewe-fon*, de *orixá* no ioruba e de *inquire* no bantu.<sup>56</sup>

#### IV.2.b Dança e Música

“*Oh! Vida danada, é a vida de sambador, de dia está no trabalho, de noite está no tambor.*”<sup>57</sup>

A dança, especialmente o *samba-de-roda*, que se diferencia do samba carioca, é uma característica típica do Recôncavo da Bahia. O Recôncavo era uma zona de economia agrária que no passado precisou de um grande contingente de mão-de-obra escrava para as plantações de cana-de-açúcar e trabalhos nos engenhos. É a região que circunda a baía de Todos os Santos e a cidade de Salvador. O *samba-de-roda* é uma variante de samba, que como o nome já diz, é desenvolvido em formação coreográfica em roda. A dança em círculo é uma característica trazida dos povos africanos. O samba é a típica dança popular brasileira em compasso binário. Para Pessoa de Castro o termo origina-se no quicongo/quimbundo *samba/semba*. O dicionário Houaïss fala que o termo do quimbundo *samba* indica um movimento sensual típico que, está ainda hoje presente no *samba-de-roda* que é a *umbigada*, e com a qual o solista dentro da roda convida um participante para substituí-lo no centro da roda.

O samba diferenciou-se e deu vida a vários estilos: *samba-canção*, *samba-de-breque*, *samba-miúdo*, *sambão*, *samba-de-partido-alto*, *samba-de-roda*, *samba-de-umbigada*, *samba-*

---

<sup>55</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 81.

<sup>56</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 82.

<sup>57</sup> Poesia de *samba-de-roda*, no Recôncavo da Bahia. Lody, Raul, p. 45.

*enredo, samba-duro*. Conhecemos a grafia *samba* desde 1848 e em 1882 era conhecida também *semba*.



Um instrumento muito usado no samba é a *cuíca*. Trata-se de um pequeno cilindro que tem numa das bocas uma pele bem estirada. No centro da parte interna da pele está presa uma pequena vara, que fricciona-se com a palma da mão molhada ou com um pano úmido. Esse gesto faz vibrar o tambor, produzindo ronco. Também a origem africana ou tupi dessa palavra está controversa. O tupi *\*kuika* indica um mamífero marsupial. Pessoa de Castro atribui a origem do termo *cuíca* no quicongo/quimbundo/umbundo *mpwita, opwita*. Assim chamam-se os tambores de fricção na África banta. Lopes supõe uma possível contaminação com o tupi e nos diz que no quimbundo existe o verbo *kuika* com o significado de “amarrar, atar, prender.” Em 1817 era conhecida a grafia *cuica* (sem acento sobre a i).

O *batuque* é provavelmente umas das danças de origem africana mais antigas. Da roda de batuque fazem parte os dançarinos, músicos e espectadores. Ao centro da roda fica um solista. A dança consiste em movimentos das ancas, sapateados, palmas e estalar de dedos. Hoje em dia *batuque* é também usado como sinônimo de samba.<sup>58</sup> Os dicionários convencionais indicam a origem da palavra nos verbos *bater* ou *batucar*. Para Lopes, ao contrário, a etimologia é controversa. Analisando as palavras *batuque*, *batucar* e *batucajé* vemos que essas palavras estão em forte relação. Segundo Pessoa de Castro *batuque* originou-se da fusão do quicongo/quimbundo *vutuki(la)*, que significa “ruído, som muito forte: ação de fazer ruído com batimentos rítmicos” mais o português *bater*. *Batucar* vem do quicongo/quimbundo *vutuka > vutukila*, “repetir a mesma coisa insistentemente.” A ação de dançar origina-se no quicongo *etumuka/vutuka*, “bater forte no tambor.” A palavra *batucajé* é derivada do quicongo *vutukilawe*, “bater estridentemente, para espantar o mal”. Essa análise resume as funções principais dos tambores africanos ou seja, repetir os ritmos forte e insistentemente como também o poder de espantar o mal (poder supranatural), funções utilizadas ainda hoje nos ritos religiosos. Outras palavras com a raiz de batuque são: *batuqueira*, *batuqueiro*, *batuquinho*.<sup>59</sup> Em 1844 era conhecida a grafia *batucar* e em 1837 *batuque*.

O *maculelê* é uma modalidade coreográfica de bastão de madeira. Os primeiros bastões usados eram pedaços de cana-de-açúcar, porque o maculelê é originário das regiões açucareiras do recôncavo da Bahia.<sup>60</sup> Os dicionários convencionais concordam com o fato dessa palavra ter a sua origem no umbundo *maka*, “desafio, provocação” + *lele*, “ser leve e rápido.” Para Lopes a origem está no quicongo *makélelê*, significando “barulho, algazarra, vozearia, tumulto.” Segundo Pessoa de

<sup>58</sup> De Andrade, Mário: *Dicionário musical brasileiro*, p. 53-55.

<sup>59</sup> De Andrade, Mário, p. 52-55.

<sup>60</sup> Lody, Raul, p. 42.

Castro o termo é derivado de um grito de guerra do quicongo/quimbundo *mankwa leele*, que quer dizer “vamos companheiros, combater com alegria!”

#### IV.2.c Entre luta, dança e música: A Capoeira

A *capoeira* é um misto de jogo acrobático, dança e luta, que é acompanhada principalmente pelo *berimbau* e por outros instrumentos de percussão como *pandeiro*, *atabaque*, *agogô* como também por palmas e cantos de roda.

Os dois adversários jogam dentro de uma roda. A *capoeira* é praticada como brincadeira onde os golpes não atingem o adversário, mesmo dentro de um ritmo frenético e dentro de movimentos rápidos. Mas os golpes são tão perigosos que podem ser utilizados como uma luta mortal. No seu início a capoeira era praticada por negros e mulatos e é uma tradição que vem da Bahia.<sup>61</sup> Hoje se distingue entre a capoeira tradicional que é chamada de *Capoeira de Angola* e *Capoeira regional*, que é uma evolução dos anos 1930, criada por Mestre Bimba.



Entre os pesquisadores há divergências sobre a origem da palavra *capoeira*. Não está claro se é de origem africana ou tupi. Para Yeda Pessoa de Castro o termo é de clara origem africana, precisamente do quicongo/quimbundo *kambulila* > *kambulela* com o significado de “ação de repelir, esquivar-se, aparar, rechaçar mutuamente, aos pares, com rasteiras e golpes de pé” e que no seu significado tem muito a ver com o jogo da capoeira. Segundo Lopes essa palavra origina-se no umbundo *kapwila*, com o significado de “espancar, bofetada, tabefe.” A teoria da origem tupi está justificada na raiz *capão* (> *\*capon*), “gaiola onde se criam aves” com a junção do sufixo português *eira*. Existe também a palavra tupi *ko'pwuera*, de *ko*, “roça” + *pwera*, “que já foi.” Segundo o dicionário Houaiss talvez a forma com *-ca-* é devido à influencia do tupi *ka'a*, “mato.” Isso daria o significado “mata que foi.” Outros termos derivantes são: *capoeirada*, *capoeiragem*, *capoeirar*, *capoeirista* e *capoeiroso*. Na história são conhecidas as seguintes grafias: 1581 *quapoeira* 1854 *copuera*, com o sentido de “terreno roçado e reconquistado pelo mato”; 1577 *capoeira*; 1579 *capuera*; 1817 *capueiras*; 1856 *capoeiras*, que significa “ave.”

<sup>61</sup> Para mais informações veja também: De Andrade, Mário, p. 111-112.



O *berimbau*, instrumento principal da capoeira, executa *toques* (ritmos específicos) sobre os quais os capoeiristas jogam.<sup>62</sup> O berimbau é um arco musical feito de madeira retesado por um fio de arame, com uma cabaça presa ao dorso da extremidade inferior. O tocador segura normalmente o instrumento com a mão esquerda, três dedos na extremidade inferior do arco e os outros, mantendo em posição horizontal uma moeda ou uma pedra, que encosta à corda para alterar o som. Na mão direita empunha a vareta e empunha um pequeno saco de palha, o *caxixi*. O *caxixi* é um saquinho de palha provido de alça. Essa palavra é de origem banta, parece do quicongo *kisisi* ou do quimbundo *kisasi*, com evocação onomatopéica, do barulho *shi-shi* que esse instrumento emite. É também sinônimo de *macaxixi* ou *mucaxixi*.

A palavra *berimbau* vem, segundo Pessoa de Castro, provavelmente do quicongo/quimbundo/umbundo (*o*)*madimbaw*. Esse termo sofreu para Lopez a influência da palavra francesa *brimbale*, variante europeu do instrumento que é tocado na boca. Na Bahia existe uma expressão específica com o termo berimbau: *pensar que berimbau é gaita*, com o significado de “enganar-se ou iludir-se com as coisas.”<sup>63</sup> Entre os sinônimos registramos: *berimbau-de-barriga*, *bucumbumba*, *gobo*, *macungo*, *marimba*, *marimbau*, *matungo*, *mutungo*, *uricungo*, *urucungo*. No século XVI era conhecida a grafia *birimbao*. Os instrumentos que acompanham o berimbau são normalmente o pandeiro, agogô e atabaque, um tipo de tambor usado também no candomblé.

O *pandeiro* é um caso etimológico especial entre os instrumentos, mas tem que ser mencionado por causa do seu papel crucial na música brasileira. Provavelmente essa palavra provem do latim tardio *pandorius* > \**panduro* > *pandero*, que através do castelhano *pandero* passou para o português. Mas a origem desta palavra está no grego *pandourion*, *pandoûra*. Entre as variantes encontradas no século XV registramos *pandeiro* e *pandeyro*.



O *agogô* é um idiofone de duas campânulas de ferro que se percute com uma vareta que dá dois sons distintos. Esse instrumento é usado também no candomblé e no samba. A maioria dos dicionários afirmam que o termo origina-se no ioruba *agogo*. Para Pessoa de Castro a palavra vem também do quicongo/quimbundo (*a*)*ngongo* (ng > g, -ng- > -g-).

O motivo pelo qual escolhi juntar no último capítulo os três elementos música (samba), candomblé e capoeira parte de uma pesquisa do musicólogo Tiago De Oliveira Pinto realizada na no

<sup>62</sup> Os toques de berimbau tradicionais mais conhecidos são: *Toque de São Bento Grande*, *toque de São Bento Pequeno*, *Iúna* etc. No período da escravidão, quando a capoeira foi proibida, os capoeiristas inventaram um tipo de toque chamado de *Cavalaria*. Esse toque lembrava a chegada dos cavaleiros e avisava os jogadores, que deveriam camuflar a luta para a dança de capoeira. Veja: Lody, Raul, p. 60.

<sup>63</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 174.

Bahia, Recôncavo em Santo Amaro. No seu livro *Capoeira, Samba, Candomblé* ele mostrou que especialmente naquela região, cada desses três elementos tem partes dos outros dois elementos. Isto é, nas músicas cantadas na capoeira, o grupo invoca com exclamações para chamar divindades que pertencem ao candomblé. E o candomblé, por sua vez, pode servir-se de elementos rítmicos de samba.<sup>64</sup> Isso para mostrar mais uma vez o caráter mestiço e sincrético da Bahia.

### IV.3 Culinária

As grandes matrizes da cozinha brasileira, ou, talvez seja melhor falar de cozinhas brasileiras, estão em Portugal, na África e no Oriente misturando-se com as culturas indígenas do Brasil. Em particular na Bahia a culinária tradicional é ainda viva hoje, porque é ligada fortemente aos ritos de candomblé. A cada entidade são atribuídas e oferecidas comidas específicas que são preparadas com os ingredientes tradicionais de Salvador.<sup>65</sup> Essas oferendas são chamadas com o termo genérico de *ebó*, palavra ioruba que significa “sacrifício ou oferenda a um *orixá*.” Quando uma pessoa quer a ajuda de um determinado *orixá* para atingir o objetivo específico, ele precisa fazer o pedido sob forma de *ebó*. Isso para garantir a troca do *axé*, uma força sagrada entre o mundo sagrado e o profano. No candomblé acredita-se que tudo que existe possui uma parte de *axé*, e cada pessoa, animal, vegetal ou mineral tem uma afinidade com um *orixá* específico.<sup>66</sup>

Entre os pratos típicos de Salvador encontramos o *acarajé*, *beiju*, *bobó*, *caruru*, *dendê*, *moqueca*, *quiabo*, *vatapá* e *xinxim*.



O *acarajé* é o típico bolo de feijões fritos, vendido pelas baianas. A maioria dos dicionários dizem que é uma palavra composta de origem ioruba, formada pela junção dos termos *akara*, “bolo de feijões frito” e *ije*, “comida.” Para Yeda

Pessoa de Castro o termo origina-se no fon *àklàjé*. A expressão na Bahia *acarajé-com-pimenta* refere-se à criança travessa.<sup>67</sup> Esse bolo é consagrado a *Iansã*, *orixá* das tempestades.

O *beiju* é , uma especialidade nordestina. É um pastel de massa de tapioca branca, alimento base dos índios, recheado com queijo, coco, doce ou outro. Essa palavra vem do tupi *mbe'yu* (ou *me'iu*, dependendo da grafia usada), e significa “bolo de farinha de mandioca”; O dicionário Houaiss diz que as variações “são devidas à flutuações na língua geral de -mb- > -m-/-b, à evolução consonântica -j- ou vocálica -i- de asilábica y, e à



<sup>64</sup> De Oliveira Pinto, Tiago: *Capoeira, Samba, Candomblé*, Berlim 1991, veja especialmente a p. 107.

<sup>65</sup> Para Iemanjá, rainha das águas, por exemplo, preparam-se oferendas feitas com *camarão seco* e *azeite de dendê*, *acaçá* (massa de farinha de milho branco enrolada em folha de bananeira), *manjar* (pudim de leite), *bolo de arroz* e *mamão*. Uma festa muito importante na Bahia é Festa no Mar, no dia 2 de fevereiro, que comemora Iemanjá e onde grandes homenagens são presenteadas ao longo da praia. Pai Cide de Òsun Eyin: *Candomblé. A panela do segredo*, São Paulo 2000, p. 192-201.

<sup>66</sup> Ligério, Zeca: *Iniciação ao candomblé*, Rio de Janeiro 1993, p. 135-138.

<sup>67</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 139.



timbre da vogal pré-tônica.”<sup>68</sup>

É interessante observar o vasto número de sinônimos: *beijuaçu*, *beijucica*, *beijucuruba*, *beijuguaçu*, *beiu-mbebeca*, *beiju-moqueca*, *beiju-poqueca*, *beijuteica*, *beijuticanga*, *beijuxica*, *beiju*, [...], pra nomear alguns. Entre eles observamos também híbridos compostos constituídos por constituinte tupi + constituinte africano, como por exemplo em *beiju-moqueca*. Temos registrado as seguintes grafias no passar dos séculos: 1576 *beijú*, *beijus*; 1596 *beiius*; 1618 *bejú*, *bejús*; 1705 *bejjú*, como também a variante *biju*.



O *bobó*, especialmente o bobó-de-camarão (híbrido composto com um constituinte africano + constituinte português) é um prato baiano tradicional. Trata-se de camarão refogado feito com leite de coco, azeite-de-dendê e um creme feito de aipim (mandioca) refogado. Os dicionários atestam uma origem africana, mas tem divergências na língua africana de origem. Para Yeda Pessoa de Castro tem duas possibilidades; o termo vem do fon *abobo* (a- > Ø) e do quicongo/quimbundo *mbobo* (mb- > b). São também propostos as origem do jeje *bo'bo* (Houaiss) e do fongbê *bovô* (Da Cunha). No uso informal da Bahia *estar de bobó* significa “estar de barriga, estar grávida.”<sup>69</sup>

Sobre a origem da palavra *caruru* há divergências. Yeda Pessoa de Castro atribui sua origem ao quicongo *kalulu* ou do quimbundo *kalalu* (-l- > -r-). O dicionário Houaiss afirma que a alteração do l da palavra de origem africana é provavelmente devida aos índios; segundo ele o termo origina-se do tupi, exatamente pela junção dos termos *caa*, que significa “folha” e *ruru* designando uma “folha inchada, grossa.” Caruru é por extensão uma festa votiva na Bahia em homenagem a *Cosme-Damião* e aos *ibêjis*,<sup>70</sup> para pagar promessa a quem tem filhos gêmeos e durante a qual o caruru, junto com outras comidas é colocado em quartinhas aos pés da imagem dos santos e é servido antes de todo o mundo sem talheres e numa gamela comum, a sete crianças. Na Bahia tem muitas expressões populares relacionadas à palavra caruru: *quem não tem quiabo, não oferece caruru*, com o sentido de “quem não pode não faz”; *café, caruru e casamento, só quente*, significando “não perder oportunidades inadiáveis”; *panela que muitos mexem ou fica insossa ou derrama o caruru*, querendo dizer que “não precisa dar ouvido a opiniões alheias”; *cadê o angu pra comer com caruru*, diz-se de alguém que conta bravatas.<sup>71</sup>



*Dendê* é uma palmeira (o dendezeiro de *dendê* + *eiro*, híbrido simples com constituinte africano + sufixo português) de onde se extrai de seus frutos um azeite cor-de-laranja.

<sup>68</sup> Houaiss, Antonio, p. 425.

<sup>69</sup> <<http://houaiss.uol.com.br>>.

<sup>70</sup> Santos gêmeos, originários da Arábia, que foram martirizados na Síria. São associados aos *ibêjis*, orixás que protegem as crianças.

<sup>71</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 203-204. O *angu* é um creme de farinha de mandioca.

Esse azeite-de-dendê (híbrido composto constituinte palavra de origem árabe + português + constituinte africano) é a base de muitos pratos de origem africana e ritualísticos de Salvador.<sup>72</sup> Essa palavra origina-se no quicongo/quimbundo *ndende* (passagem de nd > n). Por extensão dendê significa no contexto da Bahia também “bruxaria, magia negra, coisa-feita” e diz-se também de moça “assanhada, espevitada.” A expressão *vadiar na tina do dendê* quer dizer “esbofar-se, esfalfar-se.”<sup>73</sup>

Também a *moqueca* (muitas vezes pronunciando [o] (o fechado) > [u], *muqueca*) é um prato típico de Salvador, feito com peixe ou mariscos, leite-de-coco, azeite-de-dendê, coentro, e outros temperos. Segundo os pesquisadores o termo origina-se no quimbundo *mukeka*. Para Pessoa de Castro a etimologia está no quimbundo/quicongo *mukeka* < *kuteleka*, significando “guisar.” Na história, exatamente em 1836, eram conhecidas as grafias *moqueca* e *muqeca*. Hoje existe também a variante *poqueca*.



O *quiabo* é um legume de cor verde muito viscoso. Para Lopez o termo é derivado do guarani *ki'ab*, que descreve a qualidade viscosa desse legume, mas ao mesmo tempo no quimbundo *kuwabesa* > *kiauba* > *quiabo*. É importante notar que segundo Pessoa de Castro a palavra origina-se também no quimbundo/quicongo, mas na palavra *kingombo* > *kingambo* > *kyabo*. É interessante notar o vasto número de sinônimos: *quingombô*, *gombô*, *quibombó*, *quibombô*, *quigombô*, *quimbombó*, *quimbombó*, *quimbombô*, *quingobó*, *quingombó*, *quingombô*. O quiabo é muito usado na cozinha cerimonial afro-brasileira. A Bahia é rica de expressões ligadas à palavra quiabo: *levar na cuia dos quiabos*, “ser punido pelo que não deve”; *tomar na cuia dos quiabos*, “ser logrado”; *escorregar no quiabo*, “desmascarar-se”; *escorregar como baba de quiabo*, diz-se de uma pessoa pouco confiável.<sup>74</sup>



O *vatapá* é um prato muito apimentado, feito com peixe ou galinha a que se adiciona leite de coco, camarões secos e frescos, pão da véspera, amendoim e castanha de caju e azeite-de-dendê.



Essa comida é feita para acompanhar tradicionalmente o caruru. Segundo os dicionários gerais o termo vem do ioruba, no entanto, mais uma vez Pessoa de Castro propõe uma outra origem: o termo é derivado do quicongo *kintampa*/pl. *matampa* > *vwatampa*, significando “papa ou vasilha de papas.” Também a palavra fon *vsteba*, com o significado de “papas” lembra muito na palavra vatapá.

<sup>72</sup> Para *Exu* por exemplo prepara-se farofa de azeite-de-dendê, para *Oxumaré* ovos cozidos com azeite-de-dendê, Pai Cide de Òsun Eyin, p. 87 e p. 133.

<sup>73</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 219.

<sup>74</sup> Pessoa de Castro, Yeda, p. 320-321.

O *xinxim* é um guisado de galinha ou de outra carne com cebola, alho, azeite-de-dendê, amendoim e castanha de caju, quase os mesmos ingredientes do vatapá. Antigamente usava-se também *eguci*, ou seja semente de abóbora ou melancia passados na pedra. A origem mais plausível dessa palavras estaria no ioruba (aqui temos várias transcrições como Pessoa de Castro ‘*ɔ̀ṣinṣin* com o aberta, e Da Cunha *šin’šin*) com a variante *onxinxim*. O termine *xinxim de galinha* é então um híbrido composto com um constituinte africano mais o constituinte português.



## Conclusões

Nesse trabalho eu quis mostrar, baseando-me em fatos histórico-lingüísticos os fatores que contribuíram à evolução do português de norma brasileira, e em particular no Estado da Bahia.

Bahia é o exemplo mais forte de um caldeirão que conseguiu absorver, fundir e recriar a matriz européia, africana e indígena numa cultura única e riquíssima e que manifesta-se fortemente nos nossos dias. Através da pesquisa etimológica foi possível mostrar mais de perto o lado cultural e tradicional de Salvador, testemunhas vivas de fatos históricos importantes e que sobrevivem e vivem hoje na língua.

O objetivo desse trabalho foi também tentar fazer uma ponte entre a lingüística e a musicologia, mostrando, no exemplo da Bahia, que essas duas disciplinas complementam-se, podendo dar início a interessantes pesquisas musicológico-lingüísticas.

Sabendo que não foi possível aprofundar os vários capítulos, tive que ser breve e concisa, selecionando os assuntos mais relevantes. Mas espero, mesmo assim, de ter dado uma idéia geral da situação languageira da Bahia.

Jolanda Giardiello

Zurique, setembro 2007

## A.I Apêndice

A análise etimológica e comparação foi feita entre os seguintes dicionários:

- Houaïss, Antônio; Villar de Salles, Mauro: *Dicionário Houaïss da Língua Portuguesa*, 1ª edição, Rio de Janeiro 2001
- De Hollanda Ferreira, Aurélio Buarque: *Novo dicionário Aurélio*, 3ª edição, Curitiba 2004
- Pessoa de Castro, Yeda: *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, Rio de Janeiro 2001
- Lopes, Nei: *Novo Dicionário Banto do Brasil*, Rio de Janeiro 2003
- Da Cunha, António Geraldo: *Dicionário Etimológico. Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 2ª edição, Rio de Janeiro 1982
- Bordoni, Orlando: *Dicionário. A língua tupi na geografia do Brasil*, Paraná

## **Bibliografia**

Amado, Jorge: *Jubiabá*, 12<sup>a</sup> edição, Edição “Livros do Brasil”, Lisboa

Bueno, Eduardo: *A viagem do descobrimento. A verdadeira história da expedição de Cabral*, Rio de Janeiro 1998

Caldeira, Jorge: *História do Brasil*, São Paulo 1997

Castro de Araújo, Ubiratan: *A baía de Todos os Santos: um sistema geo-histórico resistente*, em: *Bahia análise & dados*, Salvador (BA), Março 2000, N. 4, p. 10-23

Dall’Igna Rodriguez, Aryon: *Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil*, em: *Línguas do Brasil*, p. 35-38. Artigo publicado no site: <[www.cienciaecultura.bus.br](http://www.cienciaecultura.bus.br)>

De Caminha, Pero Vaz: *Carta a El Rei D. Manuel (1500)*, São Paulo 1963, edição em forma digitalizada (pdf), <[www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autor.html](http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autor.html)>

De Oliveira Pinto, Tiago: *Capoeira, Samba, Candomblé*, Berlim 1991

Do Couto, Hildo Honório: *Os estudos crioulos no Brasil*, em: *Pesquisas linguísticas em Portugal e no Brasil*, Gärtner, Bernhard (ed.), Frankfurt am Main 1997, p. 99-112

Dumont, Sávia: *O Brasil em Festa*, São Paulo 2000

Elia, Sílvio: *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*, Rio de Janeiro 2003

Houaiss, Antônio: *O português no Brasil*, Rio de Janeiro 1992

Leite, Yvonne; Callou, Dinah: *Como falam os brasileiros*, 3<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro 2005

Leite, Yvonne: *A gramática de Anchieta. 500 anos de língua tupi*, em: *Ciência Hoje*, vol. 28, nr. 163, Rio de Janeiro 2000, p. 42-47.

Ligiéro, Zeca: *Iniciação ao candomblé*, Rio de Janeiro 1993

Lody, Raul: *Atlas afro-brasileiro. Cultura popular*, Salvador 2006

Martins, Wilson: *História da inteligência brasileira*, Vol. I, 5ª edição, São Paulo 2001.

Pai Cide de Òsun Eyin: *Candomblé. A panela do segredo*, São Paulo 2000

Pessoa de Castro, Yeda: *Falares africanos na Bahia. Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, Rio de Janeiro 2001

Teyssier, Paul: *História da língua portuguesa*, 8ª edição portuguesa, Lisboa 2001

### **Dicionários**

Bordoni, Orlando: *Dicionário. A língua tupi na geografia do Brasil*, Paraná

Da Cunha, António Geraldo: *Dicionário Etimológico. Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 2ª edição, Rio de Janeiro 1982

De Andrade, Mário: *Dicionário musical brasileiro*, Belo Horizonte 1989

De Hollanda Ferreira, Aurélio Buarque: *Novo dicionário Aurélio*, 3ª edição, Curitiba 2004

Houaiss, Antônio; Villar de Salles, Mauro: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 1ª edição, Rio de Janeiro 2001

Lopes, Nei: *Novo Dicionário Banto do Brasil*, Rio de Janeiro 2003

### **Dicionários on-line**

Dicionário Houaiss on-line: <<http://houaiss.uol.com.br>>

### **Sites**

Fundação Jorge Amado: <[www.fundacaojorgeamado.com.br/](http://www.fundacaojorgeamado.com.br/)>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) : <[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes\\_regioes211.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes_regioes211.shtm)>

Texto da Lei Áurea: <[www.senado.gov.br/comunica/historia/aurea.htm](http://www.senado.gov.br/comunica/historia/aurea.htm)>

## **Ilustrações**

Agogô, p. 23 : <[www.geocities.com](http://www.geocities.com)>

Aldeia com paliçada, p. 6: <[www.instituto-camoes.pt](http://www.instituto-camoes.pt)>

Baiana vendendo acarajé, p. 24: <[www.alberguedoport.com.br](http://www.alberguedoport.com.br)>

Balangandã, p. 18: <[www.joia-e-arte.com.br](http://www.joia-e-arte.com.br)>

Barco negreiro, p. 6: <[www.saosebastiao.com.br](http://www.saosebastiao.com.br)>

Beiju, p. 24: <[www.salvadorbahia.ba.gov.br](http://www.salvadorbahia.ba.gov.br)>

Berimbau, p. 23: <[www.meloteca.com](http://www.meloteca.com)>

Bobó, p. 25: <[www.azeitemusa.com](http://www.azeitemusa.com)>

Capa gramática de Anchieta, p. 14: <[www.revista.art.br](http://www.revista.art.br)>

Caruru, p. 25: <[www.abc-latina.com/bresil/cuisine.htm](http://www.abc-latina.com/bresil/cuisine.htm)>

Cuíca, p. 21: <[www.meloteca.com](http://www.meloteca.com)>

Culto de candomblé com costumes típicos, p. 19: <[www.tabadeoxossi.tripod.com](http://www.tabadeoxossi.tripod.com)>

Dendê, p. 25: <[www.brazilonboard.com](http://www.brazilonboard.com)>

Cartão da Bahia, título: <[www.btinternet.com](http://www.btinternet.com)>

Lei Áurea, p. 8: <[www.brasilimperial.org.br](http://www.brasilimperial.org.br)>

Moqueca de peixe, p. 23: <[www.civis.com.br](http://www.civis.com.br)>

Pandeiro, p. 23: <[www.musgueira.blogspot.com](http://www.musgueira.blogspot.com)>

Peteca, p. 15: <[www.terrabrasileira.net](http://www.terrabrasileira.net)>

Planta do quilombo do Buraco do Tatu, Bahia, p. 7: <[www.redescobrinodoobrasil.hpg.ig.com.br](http://www.redescobrinodoobrasil.hpg.ig.com.br)>

Pelourinho, centro histórico de Salvador, p. 16: <[www.tropicalisland.de](http://www.tropicalisland.de)>

Quiabo, p. 26: <[www.agrov.com](http://www.agrov.com)>

Roda de capoeira, p. 22: <[www.capoeira-palmares.fr/histor/images/rug418s.jpg](http://www.capoeira-palmares.fr/histor/images/rug418s.jpg)>

Vatapá, p. 26: <[www.pantera.com.br](http://www.pantera.com.br)>

Xinxim, p. 26: <[www.terrabrasileira.net](http://www.terrabrasileira.net)>